



VOZ

de

ANTAS



Taxa Paga - 4740 ESPOSENDE

Preço Avulso: 1,50 Euros

CUIDAR DOS IDOSOS

1. No dia 26 de julho, a Igreja faz memória de S. Joaquim e Santa Ana, pais de Nossa Senhora e avós de Jesus, segundo uma antiga tradição. É certo que não há fontes historicamente verificáveis a confirmar esta tradição e estes nomes. Mas não é menos certo que Nossa Senhora teve pais e Jesus teve avós. Ora, tão santa descendência não poderia senão provir de pais santos, amigos de Deus e serviçais para com o próximo.

2. Esta data – que a Igreja deseja seja vivida como “dia dos avós” – é oportunidade para refletirmos brevemente sobre o modo como tratamos os nossos idosos. No tempo de Jesus – e ainda hoje, nas culturas do Médio Oriente e da África, por exemplo – os idosos eram olhados com respeito, mesmo se debilitados pelo passar dos anos, e constituíam a referência da vida familiar. Hoje, entre nós, isso é muito raro. As famílias fragmentaram-se e os avós raramente têm lugar na casa dos filhos e dos netos. Esta situação conduziu a um aumento de pessoas idosas a viver sozinhas, muitas vezes em solidão extrema e enfrentando privações de toda a ordem.

3. Os muitos achaques que a velhice traz, a maior dependência física e, com frequência, psíquica, a dificuldade em acompanhar as mudanças no modo de viver, as carências económicas de grande parte... tudo contribui para tornar os anos mais avançados da vida um desafio difícil e, para alguns, mesmo insuportável. Por seu lado, os mais novos – filhos, sobrinhos, netos – sobretudo quando cuidam por longos anos idosos totalmente dependentes, também se vêm sujeitos a enormes exigências físicas e psíquicas. Importa, por isso, pensar uma sociedade mais solidária, organizada para cuidar dos seus muitos idosos, sem os arrebanhar em lares, mas também sem impor aos seus familiares tarefas que, por vezes, se tornam impossíveis de levar. Isto significa, antes de mais, abandonar o individualismo que marca a nossa vida em sociedade e assumir a nossa dependência uns dos outros. Oxalá as comunidades cristãs sejam as primeiras a dar passos nesse sentido.

Dois alunos da Escola Secundária Henrique Medina premiados pela UM

A Universidade do Minho realizou, no passado dia 23 de maio, pelas 17h:00, no Salão Nobre da Reitoria, em Braga, a primeira Cerimónia de Entrega das Bolsas de Excelência.

A Academia vai distinguir anualmente, em cada licenciatura e mestrado integrado, o melhor estudante que se tenha candidatado, com nota igual ou superior a 16 valores, na primeira fase do concurso nacional de acesso e em primeira opção. As bolsas têm um valor pecuniário idêntico ao da propina, sendo a sua entrega acompanhada de um diploma.



cont. na página 3

Há 100 anos faleceu o grande benemérito de S. Paio de Antas MANUEL JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

Página 4

Para ter uma vida saudável!

Página 6

AS NOSSAS TRADIÇÕES

Página 8

C A T E Q U E S E

Terminou mais um ano de catequese. É tempo de avaliar o trabalho feito. Podemos dizer que o plano traçado em Setembro foi integralmente cumprido. Pontos altos desse plano foram algumas atividades que envolveram os catequizandos e as famílias. A construção dos presépios de rua, a festa de Natal, a Via Sacra nos sábados da quaresma, a Via Sacra da Ressurreição, a festa da Avé Maria, a festa da Eucaristia, a Profissão de Fé ..., enfim aquelas atividades que "deram nas vistas". E a vivência diária, comunitária, celebrativa dos catequizandos e das suas famílias?

Será que os objetivos, inicialmente propostos para este ano de catequese, foram integralmente atingidos? Pensamos que não. Porquê - poderão perguntar - se tantas atividades foram feitas com a presença de tantos catequizandos e de seus pais?

Pela simples razão de que enquanto houver catequizandos e respetivos pais que raramente estão presentes nas eucaristias dominicais, na vida celebra-

tiva da paróquia, nas diferentes celebrações da catequese, excetuando as festas de caráter social, o objetivo primordial da catequese (fazer crescer na fé) nunca será atingido.

Este ano, mais uma vez, afirmamos que o esforço, o tempo gasto na preparação de tudo o que à catequese diz respeito não produziu os efeitos que ambicionávamos. Por norma não temos dificuldade em identificar as falhas dos outros sejam elas do pároco, dos catequistas, dos catequizandos, dos pais...

E as minhas próprias falhas enquanto membro ativo desta paróquia? Será que fiz tudo o que podia para que os objetivos traçados fossem plenamente atingidos?

Porque será que há cada vez mais dificuldade em encontrar pessoas responsáveis, capazes de dar do seu tempo em favor da catequese? Quais os dons/talentos que estão constantemente a ser enterrados?

Cada um faça a sua reflexão e tome decisões no que ao próximo ano diz respeito, na certeza de que de tudo o que fizer ou gastar em prol do anúncio da Palavra de Deus receberá muito mais de recompensa.

Celebrações Batismais

12 de Maio de 2012: Ema Maria Gonçalves Félix, filha de Ivo Manuel Cardoso Félix e de Sandra Manuela Neiva Gonçalves, residentes no L. do Monte. Padrinhos: Francisco José Ramos Gomes e Ana Catarina da Silva Santos.

10 de Junho de 2012: Ana Margarida Saleiro Lima, filha de Guilherme Lima e de Sílvia de Jesus Saleiro Agra, residentes no L. de Azevedo. Padrinhos: Eduardo Lima e Susana da Cruz Agra

17 de Junho de 2012: Fabiana Morgado Carvalho, filha de Paulo Alexandre Sá Carvalho e de Carla Alexandra Torres Morgado Carvalho, residentes no L. do Monte/Forjães. Padrinhos: Hugo Eduardo Sá de Carvalho e Ana Paula Torres Morgado.

23 de Junho de 2012: Tomás Miranda Cunha, filho de Henrique Miguel Ferreira Cunha e de Susana Cristina Peixoto Miranda, residentes no L. de Guilheta. Padrinhos: José Trindade Miranda e Madalena Ferreira Cunha.

Celebrações Matrimoniais

Uniram os seus destinos pelos laços do matrimónio

9 de Junho de 2012: Rui Miguel Maciel Meira, 26 anos de idade, filho de José Abílio Carvalho Meira e de Ana Maria Maciel de Sá Meira, com **Paula Cristina Neiva de Sá**, 25 anos de idade, filha de José de Sá e de Rosa Maria Pereira Neiva.

23 de Junho de 2012: Henrique Miguel Ferreira da Cunha, 35 anos idade, filho de Ernesto Pereira da Cunha e de Maria de Lurdes Barbosa Ferreira, com **Susana Cristina Peixoto Miranda**, 31 anos de idade, filha de José Trindade Miranda e de Maria Alice Peixoto P. Miranda.

FICHA TÉCNICA

VOZ de ANTAS

DIRETOR / EDITOR:
MANUEL DE BRITO FERREIRA

PROPRIEDADE:
Fábrica da Igreja Paroquial
de S. Paio de Antas - Esposende

REDAÇÃO/ADMINISTRAÇÃO:
Manuel de Brito Ferreira
Telefs. 253871438-965 888 508
pe.brito@sapo.pt

Gonçalo Fernandes
Telefs. 253 871 887 / 933 258 057
gf@utad.pt

DEPÓSITO LEGAL: 18 861/84
ISSN: 2182-4746

COMPOSIÇÃO / IMPRESSÃO:
TIPOPRADO - Artes Gráficas, Lda.
Lugar do Barreiro, Rua 1 - VILA DE PRADO
Apartado 6-Telef. 253929140 - Fax 253929149
www.tipoprado.com - geral@tipoprado.com

Donativos para a Igreja

Desde o último número da *Voz de Antas*, recebemos os seguintes donativos para a conservação dos bens da Igreja. A todos o nosso muito obrigado.

| Nome | Morada | Euros |
|--|----------|----------|
| Esmeralda Sampaio, em sufrágio de Gonçalo Gregório | Guilheta | 100,00 € |
| Anónima | Belinho | 50,00 € |
| Domingos Viana da Cunha e Lurdes, em sufrágio de seus pais | Monte | 100,00 € |
| Cândida Lapeiro da Cunha e filhos, em sufrágio da alma de João Moreira de Sá | Guilheta | 250,00 € |
| Lúcia Maranhão, em sufrágio de Maria Fernandes Alves | Guilheta | 100,00 € |
| Amélia Vaz Saleiro | Igreja | 50,00 € |
| Em memória e sufrágio de Maria Edmeia Viana da Cruz, os filhos | Monte | 200,00 € |
| Em memória e sufrágio de Cândida Alves da Cruz e marido, Augusto do Paulo | Cima | 300,00 € |
| Em memória e sufrágio das almas dos pais de Marília e José Cardoso | Monte | 200,00 € |
| Anónima, em sufrágio de seu marido e seus pais | Belinho | 100,00€ |
| Lúcia Maranhão, em sufrágio de Maria Fernandes Alves | Guilheta | 20,00€ |

Continua no próximo número

Bodas de Ouro Matrimoniais de Ermelinda Saleiro e David Torres

Foi no dia 9 de junho que, se completaram e celebraram 50 anos sobre a união matrimonial de Ermelinda Saleiro e David Torres, tal como à data num sábado, também consumada na nossa igreja paroquial e na presença de familiares e amigos.

A liturgia decorreu com a solenidade que o momento e a intensidade da vida conjugal deste casal impunha. A eucaristia foi concelebrada pelos reverendíssimos sacerdotes Padre Brito e Padre Domingos Sampaio Viana, teve por intenção também o sufrágio dos seus familiares falecidos. Todos os filhos e netos protagonizaram os vários e intensos momentos litúrgicos, partilhados com forte cumplicidade religiosa e amistosa por todos os convidados.

A cerimónia religiosa contou com a participação do grupo coral de Antas, da Apúlia, de alguns músicos e com a direção musical António Casado Neiva e ainda a colaboração da "prata da casa" que, abrilhantaram musicalmente este tempo solene e jubilar.

Dia de emoções fortes, de homenagem sentida às suas vidas de entrega à família, sempre no sentido alargado do termo, já que continuaram a casa materna de Manuel Saleiro e mantiveram, como se impunha, fortes laços na Portela. A intensidade da festa foi ainda marcada pela presença de familiares que, atravessando problemas de saúde estiveram presentes, graças a Deus.

A cerimónia teve outro momento alto, com o almoço servido no restaurante Reguenga para os seus 110 convidados. A ocasião foi condignamente um espaço de convívio, agradecimento e congratulação para com o casal o David e a Ermelinda e teve o seu ponto elevado na homenagem prestada pelos seus 11 netos: Ruizinho, Nuno, Mariana, João Luís, Helena, Catarina, Carolina, Hugo, Manelito, Pedro e Francisca.

Os seus 7 filhos, noras e genros agradeceram-nos pelas vidas de sacrifício, trabalho e de dedicação às causas nobres por que pautaram a suas vidas. Com um forte sentido do dever cumprido, com a sabedoria que vidas tão dedicadas a razões simples e grandes, desde já formulamos votos de felicidades conjugais, pessoais e familiares para o feliz casal.

Bem hajam



Dois alunos da Escola Secundária Henrique Medina premiados pela UM

cont. da 1ª pág.

Na referida cerimónia, foram distinguidos 39 estudantes que ingressaram na U. Minho no atual ano letivo. Neste grupo restrito, encontram-se dois alunos que frequentaram, no ano letivo anterior, a Escola Secundária Henrique Medina: Sara Enes Azevedo, a frequentar Engenharia Biomédica, com 18,5 valores, e Carlos Daniel da Silva Morgado, Direito, com 17,4 valores.

Na cerimónia, presidida pelo reitor da Universidade do Minho (UM), António Cunha, e a convite desta Instituição, estiveram presentes os responsáveis das escolas, colégios e externatos onde os estudantes



premiados concluíram o ensino secundário. A escola fez-se representar pela Direção e professores dos alunos premiados, expressando o quanto se sentem honrados por ter contribuído para esta distinção.

Aproveita-se o ensejo para felicitar os pais destes alunos que, ao longo do seu percurso na Escola Secundária Henrique Medina, sempre demonstraram empenho, trabalho e dedicação. Com estas qualidades, estamos certos de que serão ótimos profissionais. São jovens como estes, o "garante do nosso futuro", como frisou o Reitor da U. Minho.

Esta notícia teve para nós um sabor especial pelo facto de a Sara ser um membro ativo desta paróquia e ser a prova de que quando queremos temos tempo para tudo.

De facto a Sara pertence ao grupo de jovens, é catequista e nunca precisou do tempo que gasta nestas atividades para ser uma aluna brilhante.

Parabéns à Sara e à sua família que sempre a soube acompanhar e aconselhar, incutindo-lhe verdadeiros valores de responsabilidade e de saber ser e estar.

Há 100 anos faleceu o grande benemérito de S. Paio de Antas MANUEL JOSÉ ALVES DE AZEVEDO

(continuação do número anterior)

A "Fábrica de Manteiga de S. Paio d'Antas"

Foi por sugestão do anterior proprietário da desnatadeira que, por escritura de 10 de dezembro de 1903, o Sr. Manuel José Alves de Azevedo adquiriu o respetivo alvará e instalou em Antas a primeira fábrica de manteiga no concelho de Esposende.

Mantendo os anteriores dois empregados (Joaquim Martins Vitorino e José da Silva, "Ilhéu", concunhados), tratou imediatamente de construir novas instalações fabris na sua propriedade, Quinta da Cachada, que mandara agricultar e fizera circundar por altos muros. Equipou as novas instalações com maquinaria moderna e encarregou da gerência, por íntima relação familiar, o Sr. José Dias Ferreira (Antas, 24.5.1864 – 12.6.1931) o qual, embora residindo no lugar de Belinho, tinha já em construção uma nova casa, próxima da fábrica, onde passaria a viver com a família a partir de 1906.

Imediatamente submeteu a análise, no Porto, a manteiga que passou a ser fabricada sob sua responsabilidade, cujo resultado, publicado em 11 de Janeiro de 1904, foi o seguinte: *"A manteiga tem a reacção levemente ácida, aspeto normal, cor amarelada, é grata ao paladar e de cheiro agradável"*. Em conclusão: *"Manteiga pura, boa"*.

Passado um ano, e sem interromper a produção de manteiga, as novas instalações estavam prontas. No dia 6 de fevereiro de 1905, o correspondente em Viana do Castelo do diário português "O Primeiro de Janeiro" veio assistir à inauguração e no dia seguinte escreveu:

"Ontem, por amável convite dos seus proprietários, assisti à festa de inauguração da nova fábrica de manteiga em S. Paio de Antas. Surpreendeu-me a instalação, modelar no que diz



respeito a luz, a limpeza, a asseio, bem arejada e com uma montagem que nada deixa a desejar.

No rés do chão vêem-se o escritório, o depósito, a oficina, o depósito de água, os fogões e depois os anexos, com os currais, nitreiras, etc. Os aparelhos ingleses e alemães são o que há de mais perfeito: desnatadeira, batadeira, machadeira, etc., dizem como os Srs. Azevedo & Filho dessa praça quiseram dotar a sua aldeia de um estabelecimento à altura. E o que mais me surpreendeu é que na fábrica não há manteiga em depósito, fabricando só a consumida, para não se dar o que é muito vulgar, da manteiga retida e já rançosa, e depois de misturada até com margarina, formar vários tipos de manteiga, quando o tratado que tenho na minha estante diz que o leite

puro não dá mais que um tipo de manteiga.

Seríssimo nos seus contratos, o Sr. Alves de Azevedo será incapaz de prejudicar o bom nome dos produtos da sua fábrica: – excelente garantia para os que consomem a manteiga da fábrica em questão. E ele, filho de S. Paio de Antas, prestou grande serviço à sua terra natal e às freguesias circunvizinhas: só na compra do leite, por ano espalha alguns contos de reis, não me referindo ao pessoal que emprega.

E não dá esta indústria margem a grandes lucros e está sujeita a muitos percalços, e apenas na engorda de suínos, nas nitreiras e no fabrico do queijo que no nosso país se não faz em condições de ser bem aceite no mercado, dá remuneração mais um pouco avantajada. Esta indústria, que se vai desenvolvendo, é da maior utilidade para o nosso agricultor que fica tendo na criação do gado vacum uma boa fonte de receita.

Agradecendo as saudações que foram feitas à empresa e redação deste jornal, mais uma vez felicito o Sr. Manuel José Alves de Azevedo e seu filho Sr. Alfredo Alves de Azevedo."

A princípio, a manteiga de S. Paio de Antas só era vendida nos estabelecimentos comerciais dos concelhos mais próximos. Graças às relações da Papelaria Azevedo, onde também era comerciada, foi lançada nos mercados do Porto e de Lisboa, com muito boa aceitação, em latas de 5 quilos, 1 quilo, 500 e 250 gramas, a que correspondiam os preços de 5\$000, 1\$000, 500 e 250 reis.

Em 12 de março de 1909, a marca foi registada na Direção Geral do Comércio e Indústria e anunciada nos n.ºs 129, 130 e 131 do Diário do Governo, publicados a 12, 14 e 15 de junho do mesmo ano: *"N.º 11:744. – Classe 64.ª – Manoel J. Alves de Azevedo & Filho, portugueses, proprietários em S. Paio de Antas, Esposende, e estabelecidos com papelaria e typographia no Largo dos Loyos n.ºs 18 a 20, no Porto. A marca consiste em:*

Como se vê na imagem retangular, destinada a abraçar a lata redonda, o desenho representa a "Ponte do Grillo" sobre o rio Neiva, com a azenha do mesmo nome e respetivo açude. A imagem circular, com uma lavradeira a mungir uma vaca, alheada dos protestos e do olhar preocupado da cria, era colada à tampa da lata.

Em 1918, no fim da Grande Guerra e devido à epidemia que ficou conhecida por "pneumónica", e que tantas vítimas fez, as fábricas de manteiga foram proibidas de funcionar devido ao risco de escassez do leite. Mas o interesse por esta indústria, mercê do êxito da Fábrica de Manteiga de S. Paio de Antas, aumentou de tal forma que se anunciavam novas fábricas em freguesias vizinhas. Em 1920, o gerente José Dias Ferreira tinha conseguido para seu filho Alfredo, recentemente casado, o estatuto de "sócio gerente". Em dezembro de 1922 foi-lhe cedido pela família Azevedo o alvará da fábrica, e em 1927 promoveu para outro dos seus filhos, Manuel, que casara em Marinhãs, a construção de nova fábrica no lugar de Rio de Moinhos.

Quando, pelas festas a S. João de 1928, se realizou em Braga a "Feira de Amostras", com a presença do recentemente eleito Presidente da República, Óscar Carmona, entre os industriais instalados no "stand" de Esposende constavam os irmãos Alfredo e Manuel Dias Ferreira expondo manteiga das suas fábricas de Antas e de Marinhãs.

Ainda nesse ano e no seguinte há notícias de duas novas



desnatadeiras, a primeira em Antas, no lugar do Freixo, do espozendense Dr. Artur de Barros Lima, a outra em Forjães, dos comerciantes Ribeiro & Ribeiro, em prédio anexo à sua loja. Mais tarde aparecem referências a outras empresas de laticínios, nomeadamente de Francisco Tavares de Pinho, em Palmeira de Faro, e de Martins & Rebelo, em Mar.

Porém, na noite de 15 para 16 de novembro de 1930, em Marinhas, um incêndio destruiu totalmente a fábrica de Manuel Dias Ferreira.

Sucedâneas da "Fábrica de Manteiga de S. Paio d'Antas": "Lactícínios de Esposende, Lda." e "Lactícínios das Marinhas, Lda."

Apesar deste contratempo, a 13 de agosto de 1941 foi formalizada notarialmente a constituição de uma sociedade composta pelos referidos dois irmãos Dias Ferreira e por Manuel Pereira da Torre e Silva, residente em Mar pelo casamento (onde instalara uma sucursal da fábrica de manteiga de que era sócio, Silva & Irmão, da sua terra natal S. Romão de Neiva). Denominaram-na "Lactícínios de Esposende, Limitada", com sede provisória na freguesia de Mar.

Transferida depois para Marinhas, esta fábrica teve como primeiro contratempo o falecimento, em 1943, do sócio Torre e Silva, aos 54 anos de idade. Nova contrariedade foi o violento incêndio que sofreu a 1 de fevereiro de 1950, na secção de caseína. Embora os prejuízos estivessem cobertos pelo seguro, a empresa entrou em falência, os bens foram penhorados e começaram a ser vendidos em hasta pública, de maio de 1952 a julho do ano seguinte.

Finalmente, em 28 de abril de 1954 foi constituída a firma "Lactícínios das Marinhas, Limitada", pelos adquirentes dos bens arrematados (edifício, equipamentos e alvará), Srs. Dr. Amílcar Joaquim Saraiva de Castilho, Manuel da Costa Pais e Eng. Reinaldo Gouveia Saraiva de Castilho.

Mercê de uma cuidada administração, a empresa passou também a fabricar queijo, sendo atualmente a qualidade e prestígio dos produtos que põe no mercado amplamente reconhecidos pelos consumidores e internacionalmente premiados.

ÚLTIMOS ANOS

A 25 de março de 1901, Manuel José Alves de Azevedo decidiu associar à gerência da Papelaria e Tipografia, seu filho Alfredo Alves de Azevedo (Porto, 9.8.1870 – 18.12.1950), o que lhe permitiu usufruir de maior desafogo e passar mais tempo no seu refúgio em Antas. Dos cerca de 40 artigos publicados em "O Povo Espozendense", ressalta o seu encanto pelas romarias minhotas e a participação em outros acontecimentos singulares, e que mereceram os seus comentários, como foram: – a visita de el-rei D. Carlos a Viana do Castelo, a 15 de Setembro de 1903, e as manobras militares subsequentes nos montados de Fragoso e Feitos; – a visita pastoral do Sr. Arcebispo de Braga D. Manuel Baptista da Cunha a S. Paio de Antas, em 1 de dezembro de 1904; – e as festas escolares de 20 de outubro de 1907 nas escolas do concelho e nomeadamente na Escola Barão de Maracanã.

É de realçar ainda a instalação da escola oficial feminina no

lugar de Belinho, em substituição da particular do Pe. Ledo, por cuja instituição já apelava em 1902 e que viu concretizada em 1904. Os incentivos às professoras das duas escolas da freguesia eram constantes.

Em todas as referências que fez a estes acontecimentos, acompanhado muitas vezes pela fidalga família da Casa de Belinho e outras prestigiadas figuras da sua freguesia e concelho, sempre omitiu o seu nome apesar do empenho que pôs em cada realização, por vezes com o seu indisfarçável apoio pecuniário. Já o editor de "O Espozendense" não escondeu a sua benemerência aquando da proclamação da República: "Os srs. Manoel J. Alves d'Azevedo & Filho, proprietários de uma importante e acreditadíssima papelaria da cidade do Porto, enviaram há dias ao nosso ilustre amigo e prestigioso chefe do partido republicano, sr. Dr. João Caetano da Fonseca Lima, 1.000 exemplares do hino A Portuguesa, para serem distribuídos pelos alunos das escolas oficiais de ambos os sexos deste concelho.

É digno de elogio o procedimento de suas ex.^{as} e não seremos nós quem lho havemos de negar. Tomamos até a liberdade de testemunhar também o nosso agradecimento àqueles cavalheiros, atualmente a residirem na sua quinta em S. Paio de Antas, pela delicada e patriótica oferta."

Aparentemente saudável, rodeado de netos, com uma fortuna solidamente gerida e com um nome altamente prestigiado, era de prever que por longos anos gozasse uma velhice tranquila. Foi, pois, com surpresa e profunda mágoa que os conterrâneos souberam do seu falecimento no Porto, a 1 de abril de 1912, logo noticiado no dia seguinte pelos principais diários da cidade.

"O Comércio do Porto", depois de informar que "faleceu ontem o nosso prezado e velho amigo, sr. Manuel José Alves de Azevedo, respeitável e estimadíssimo comerciante desta praça, estabelecido com papelaria e tipografia no largo dos Loios e secretário da Irmandade de Santo António dos Congregados", referia que a prosperidade a que chegara o seu estabelecimento a conseguira "à custa de trabalho insano, pautado por exemplares normas de honestidade". E prosseguia: "Na sede do Centro Comercial do Porto está a bandeira a meia haste, conservando-se também cerradas as portas do edifício social em demonstração de pesar pelo falecimento do sr. Manuel José Alves de Azevedo, que foi um dos sócios fundadores daquela corporação, tendo desempenhado o cargo de tesoureiro nos exercícios sociais de 1887 e 1888".

Também "O Primeiro de Janeiro", ao dar a mesma triste notícia, se referia à sua personalidade: "O finado era uma figura respeitável no comércio portuense, devido à sua honestidade de caráter e à correção do seu proceder em todos os atos da sua vida, sendo estimadíssimo por todas as pessoas que o conheciam". Aludiu depois à sua participação na Sociedade Nova Euterpe e no Ateneu Comercial do Porto: "A estas agremiações prestou os maiores e mais desvelados serviços, exercendo nelas os cargos de maior destaque e importância".

Como epílogo a estas notas, não se podem esquecer os apoios recebidos dos descendentes de tão ilustre benemérito, herdeiros da Papelaria e Tipografia Azevedo, então sob a firma Manoel J. Alves d'Azevedo & F.^o, Suc.^{as}. Sirvam de exemplo as dádivas em dinheiro e ofertas em material de escritório para o novo Hospital de S. Manuel, depois chamado de Valentim Ribeiro. Refiram-se também os apoios de seus filhos e netos à paróquia de S. Paio de Antas, devidamente reconhecidos pelos nomes dados às ruas Miguel e Armando Pacheco de Azevedo.

Clamorosa e lamentável falha: ninguém, até hoje, se lembrou de atribuir a qualquer arruamento ou espaço o nome do tão ilustre benemérito MANUEL JOSÉ ALVES DE AZEVEDO.

Raul Saleiro

PARA TER UMA VIDA SÃ!

Não bebo bebidas alcoólicas.

Não fumo.

Drogas? Nem pensar!

Conservas Nem vê-las!

Refrigerantes, também não.

Sou adepto ferrenho do deitar cedo

e cedo erguer que dá saúde!

Quando vou descansar é mesmo para descansar, procuro um ambiente calmo e sem hipóteses de ser perturbado.

Mantenho-me ativo todos os dias e faço caminhadas.

Mesmo nos dias em que me custa a começar.

Mas, não faço a vontade ao corpo, não sou preguiçoso.

No meu coração não entra inveja, nem ódio, nem medo, nem orgulho e nem ansiedade.

Não desejo mal a ninguém e muito menos o faço.

Evito preocupações e não tenho remorsos.

Vivo um dia de cada vez.

Não tomo medicamentos para os nervos.

Procuro outras formas mais saudáveis para me manter sereno e bem disposto.

Procuro a natureza e vivo segundo a minha natureza.

Tenho uma saúde de ferro.

Não tenho depressões.

Gosto de viver assim.

e o BURRO sou eu?

As nossas memórias

Como o prometido é devido vamos tentar atualizar "A Lista de Honra" daqueles que são a memória viva da nossa terra.

Assim, alguém fez chegar às nossas mãos mais quatro nomes de conterrâneos nossos que fazem parte desta nossa recolha.

E são, por acaso, todos do Lugar de Belinho:

António Afonso Vaz Saleiro 22-12-1927

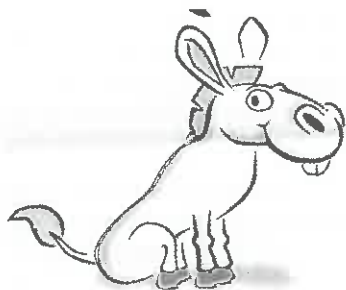
Leontina Gonçalves Ferreira 11-02-1930

Manuel Martins Ledo 02-08-1929

Maria Ermelinda Gonçalves Ferreira 21-11-1927

Os dois últimos, embora não residam em Antas, são de cá naturais.

Estamos sempre à espera que nos façam alguma correção.



Há tantos burros mandando em Homens de inteligência que às vezes fico pensando, se a burrice não será uma ciência.

António Aleixo

Nas mãos de Deus...

Deixaram esta morada e foram ao encontro de Deus

Diante da morte repensamos a vida e procuramos acertá-la com o mistério da eternidade.

A morte dos outros está ao longo dos nossos caminhos. A nossa morte está no termo dos nossos caminhos.

O tempo que vai passando é sempre de aproximação ao mistério da morte e não é assim tão grande a diferença entre viver e morrer.

O ponto importante é guiar a totalidade que somos pelas palavras de S. Paulo aos Romanos:

- «Se vivemos, é para o Senhor que vivemos; se morremos, é para o Senhor que morremos. Quer vivamos, quer morramos, pertencemos ao Senhor». (Rom. 14,8)

Maria Edmeia Viana da Cruz conhecida por "Maria Meia", nasceu em Antas no dia 21 de Julho de 1939. Filha de Aires Alves da Cruz e de Engrácia Alves da Cruz Viana.



Casou com Domingos Viana Lajoto natural de Antas, ficando viúva há 18 anos. A sua família é constituída por 2 filhas e 4 netos (uma falecida).

Lutou sempre pela união e sustentabilidade da sua família emigrando para a França durante 10 anos exercendo a sua profissão de doméstica.

Foi uma mãe e avó, sempre presente, amiga e respeitadora.

O Senhor chamou-a à sua morada no dia **4 de Junho de 2012** com 72 anos de idade.

A família agradece a todos os que apoiaram e manifestaram o seu carinho neste momento de dor.

Que Deus a tenha junto a si e dê paz à sua alma.



Nasceu a 30 de Abril de 1925 em Ponte da Barca. No dia **14 de Maio de 2012**, faleceu **Maria Fernandes Alves**, filha de Albino Alves e Rosalina Fernandes. Residia na freguesia de Marinhãs.

Foi uma mulher que viveu sempre para a sua família e amigos. Tinha um grande coração, era trabalhadora,

generosa, cheia de amor e muito carinhosa.

Não se conformou com a perda do marido, ficando muito frágil e sem vontade de viver, fazendo de tudo para ir para junto dele.

Tinha 7 filhos, onde 2 dos quais já tinham falecido e os restantes estavam fora do país.

Foi chamada à presença do Pai, na certeza de que a vida não acaba apenas se transforma dizemos-lhe: Até Logo.

Paz à sua alma

No passado dia **15 de Junho** faleceu **Cândida Alves da Cruz**, residente no lugar de Cima, nascida a 24 de Junho de 1931, filha de Maria Alves Cruz.

Casou com Augusto Alves Rolo, deste enlace matrimonial nasceram 5 filhos: Manuel, Maria Cândida, Maria Fernanda, António e Eduardo, 13 netos e 3 bisnetos.

Mulher simples; de profundas convicções religiosas; uma esposa, mãe e avó exemplar; dedicou toda a sua vida à família e ao trabalho árduo no campo.

A família vem por este meio agradecer a todas as pessoas que homenagearam a sua ente querida e manifestaram o seu pesar nas cerimónias fúnebres e na missa do sétimo dia.

Que Deus a tenha junto de si. Paz à sua alma.



Mário Laranjeira da Silva Meira, faleceu inesperadamente a **21 de Junho**, nasceu a 04 de Fevereiro de 1942. Contava 70 anos de idade. Residente na Rua de Guilheta, filho de Mário Pereira Silva Meira e de Rosa Pires Laranjeira.

Que Deus lhe dê o eterno descanso.



Manuel de Azevedo Neiva, nasceu em 22 de Março de 1931, filho mais velho de uma família numerosa, emigrou para França em 1957, onde permaneceu cerca de 14 anos. Casou em 1958 com Amélia Gonçalves Viana Rolo.

Homem reservado, parecendo irreverente mas muito solidário, criou amigos em todas as faixas etárias. Simples e de trato fácil, empenhava-se facilmente nas causas em que acreditava.

Faleceu subitamente em 30 de Junho de 2012, deixando quatro filhos, dois genros, uma nora e oito netos.

NA FAMÍLIA, que para ele era um valor sagrado, ficou agora um sabor amargo de perda. Os olhos onde já secam as lágrimas e fica o sal que arde e corrói de tanta dor e os corações em cacos, que aos poucos se irão recompor, animados pela fé e pela solidariedade dos amigos.

A todos quantos nos fizeram, ao longo destes penosos dias, entender o verdadeiro sentido da palavra **SOLIDARIEDADE** deixamos um sincero obrigado

Família Neiva

PROVÉRBIOS

- Só se atiram pedras a árvores carregadas de frutos.
- Há cinco degraus para alcançar a felicidade: Calar, ouvir, lembrar, agir e estudar.
- Senta-te onde és bem-vindo e ajudado.
- Se a paciência é amarga, os seus resultados são doces.
- A melhor resposta vem do homem que não esteja zangado.
- Se a conversa é de prata, então o silêncio é de ouro.
- Toda a gente tem boa vista para ver os defeitos dos outros, e é cega para ver os seus.

Manuel Afonso Vaz Saleiro (26-5-1921 – 5-5-2012)

No dia 5 de maio soube-se, com surpresa, que no Hospital de Santa Luzia, em Viana do Castelo, falecera na madrugada desse dia o Sr. Manuel Afonso Vaz Saleiro. Aí ficara internado dias antes, por ocasional dificuldade respiratória.

Iria completar em breve 91 anos de idade, pois nasceu em Antas a 26 de maio de 1921. Era o mais velho de doze irmãos, filhos do casal Manuel Afonso Vaz Saleiro e Maria da Cruz Azevedo.

Cedo começou a familiarizar-se com os trabalhos agrícolas, acompanhando também o pai nas atividades comerciais. Cumprido o serviço militar no Porto, em Cavalaria 6, empregou-se como contínuo no Colégio de Almeida Garrett. Contraiu matrimónio em Alvarães, em 1955, com D. Ester de Araújo e Castro, e fixou residência no Porto, na antiga travessa das Musas (atual rua Raul Dória) onde estabeleceu negócio de mercearia, em sociedade, até 1962. Completado o 2.º ciclo liceal, passou em 1976 para a Faculdade de Engenharia do Porto, na rua dos Bragas, donde se aposentou em 1991, aos 70 anos de idade, indo fixar-se definitivamente em Alvarães.

Foi então que passou a ter mais disponibilidade para se dedicar à antiga paixão de investigador, nomeadamente de assuntos relacionados com as origens familiares e com antigos acontecimentos relativos à sua terra natal e circunvizinhas. As bibliotecas e arquivos municipais e distritais, de Esposende, Viana do Castelo e Braga, eram a fonte donde bebia tanta informação. Já, quando residente no Porto, aproveitara os tempos livres para consultar na respetiva biblioteca, as antigas publicações periódicas dos concelhos de Esposende e de Viana. Daí retirou preciosas informações que, analisadas criticamente, confirmavam ou acrescentavam curiosos pormenores a velhas histórias lembradas à lareira por pais e avós. Foi com base nestas curiosidades que publicou diversos artigos em alguns jornais, nomeadamente em "Voz de Antas", "Monte do Castelo" e "Alvaranense", além de outras publicações avulsas, onde revelava factos históricos, costumes que se perderam e até, por vezes, cenas picarescas de que foi testemunha na infância e juventude.

Possuidor de uma excelente memória e de uma notável lucidez, que manteve até ao fim, era frequentemente solicitado a dar a sua opinião e a transmitir os seus conhecimentos a outros investigadores, com quem mantinha fortes relações de cumplicidade e estima.

É de assinalar o empenho que pôs em reuniões que anos a fio promoveu, desde 1990, congregando os primos de diversas gerações, mesmo os dispersos pelas freguesias próximas, em amenos convívios destinados a promover a união e o espírito de família.

A ânsia que tinha em saber cada vez mais e em manter-se atualizado, levou-o aos 80 anos, facto admirável, a trocar a máquina de escrever pelo computador!

Deixa profunda saudade em todos os que com ele conviveram. O seu funeral em Alvarães, cuja igreja foi pequena para acolher tantos amigos, entre os quais muitos conterrâneos de S. Paio de Antas, constituiu uma grande e piedosa manifestação de pesar.

Toda a família enlutada, e especialmente sua esposa, filha, genro, netos e bisneta, agradecem, por este meio, as sentidas condolências recebidas e a presença nas cerimónias fúnebres.



AS NOSSAS TRADIÇÕES

Lembrou-se, em boa hora, A Comissão de Festas de S. Paio e Nossa Senhora das Vitórias de realizar, na nossa terra, uma mostra de carros alegóricos.

Em boa hora, dizemos nós, porque foi, sem sombra de



dúvidas, uma tarde muito bem passada para milhares de pessoas que acorreram ao nosso recinto paroquial e ruas adjacentes.

Vamos, pois, por ordem, falar de cada um dos carros que desfilaram nessa tarde:

- **Banda de Música** – um carro composto por um vistoso Coreto, à moda antiga, com os jovens músicos a desfilarem e a tocarem como gente grande.

- **Pirotecnia Viana & Filhos-Antas.**

Um carro com a mostra de como eram feitos, antigamente, os foguetes.

Junto a desfilarem, as senhoras com o cesto à cabeça, que era noutros tempos, o meio de transporte do “Fogo”.

Quem se lembra, recordou.

Quem não sabia, aprendeu.

- **Grupo de Jovens Esperança:**

A alegria e a irreverência da juventude. Os nossos jovens a participar e a dar-nos motivos para acreditar na continuidade.

- **Rio Neiva- Associação de Defesa do Ambiente.**

A participação da Associação Rio Neiva, que louvamos, pois continuamos a contar com eles para serem o garante do nosso futuro ambiental e não só.

- **Rancho Folclórico de Aveiras de Cima.**

Dado que havia, também, um Festival de Folclore, este Grupo do Ribatejo, desfilou integrado no Cortejo Etnográfico. E muito bem.

- **Grassa – Grupo de Solidariedade Social de Antas.**

Os nossos meninos a representar o que de bom nós temos. Lindo.

- **Grupo Peña Xuntanza de Vigo.** Mais um Grupo Folclórico neste evento. Da vizinha Galiza veio visitar-nos este Grupo. E que bem o fez. Alegria, juventude e a diferença de dois países vizinhos que se tocam e procuram, sempre, conhecer-se, Bem hajam “hermanos”.

- **Grupo de Cantares e Dançares de S. Paio de Antas.**

Em dia de aniversário a maior participação do desfile.

Em primeiro lugar, o campo do linho. Ainda não tinha flor, que pena! Mas não faltaram pessoas a perguntar se era assim o linho!

Depois uma participação especial: A Tia Deolinda, “A Galinheira” como era, é, conhecida. Quem não se lembra daquela senhora a fazer a volta com o cesto à cabeça, a negociar em ovos e galinhas? Parabéns Tia Deolinda!

De seguida o velho arado e o semeador ainda com o motor “Vacum”, para os mais novos.

Um Grupo de sulfatadores tentavam refrescar o povo naquela tarde de calor. Divertido e cultural.

Em seguida vinha o carro com o Estanca-Rios e o campo do milho.

Grandioso!!

Um aparelho centenário, propriedade da família Rodrigues, talvez o mais antigo da nossa terra, mostrou como era que os nossos antigos tiravam a água para regar o milho e não só.

A menina a tanger o gado, o “homem” à soga a manter o ritmo. E que bem! Pois é Daniel, quem sai aos seus....

O Théo a regar, lá foi levando a água a seu rego, Muito, muito bem.

Nos carros seguintes vinham a Azenha e o Forno. Lindos, quer um quer outro.

A Azenha com o moleiro, a mó, a balança... (faltou o gato...)

O Forno com o presunto – a nós não nos tocou nada mas pelos vistos não sobrou nenhum – e o Forneiro a fazer o caldo. Que Pinta!! Na mesa as comadres e compadres a fazer pela vida, isto é, a “cabaneirar”!

À Comissão de Festas, o agradecimento por tão boa lembrança.

Não salientamos nenhum elemento pois todos deram o seu melhor.

A todos os participantes, o muito obrigado de quem assistiu e se maravilhou com o vosso trabalho.

À Junta de freguesia, na pessoa do Sr. Presidente, pela ajuda na logística.

Ao Grupo de Cantares e Dançares de S. Paio de Antas, agradecemos o empenho dos seus elementos, sem destacar nenhum em especial.

Àqueles que não fazendo parte de nenhuma Associação, trabalharam para que este dia fosse memorável.

Ao Lima, porque sem ele, não era a mesma coisa.

MUITO OBRIGADO!!

Esta tarde terminou da melhor forma. Com o Festival de Folclore, juntando o Minho com o Ribatejo e a Galiza, numa harmonia de danças e cantares com os Grupos já mencionados e que foram muito aplaudidos por todos.

